

PERCEPÇÃO DA CIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA CEGOS

Tailson Francisco Soares da Silva¹

Universidade Estadual do Piauí, Graduando em Geografia
tailson7@hotmail.com

Flávio Henrique Soares de Alencar²

Universidade Estadual do Piauí, Graduando em Geografia
henrique_f171@hotmail.com

Francisco Gomes Ribeiro Filho³

Universidade Estadual do Piauí, orientador, doutorando em Geografia
gomesgeografo@ig.com.br

RESUMO

Percepção é uma palavra chave do presente trabalho. Diversas coisas que percebemos na nossa vivência cotidiana tem algum significado para nós. Essas coisas podem ser percebidas de maneiras diferentes por pessoas diferentes. Pois a sua apreensão depende diretamente dos nossos sentidos. Neste estudo, pretendemos identificar como os alunos deficientes visuais compreendem as relações espaciais em seu cotidiano, particularmente em relação àquilo que se refere ao espaço da cidade, considerando-se, para isso, as contribuições que podem ser fornecidas através de ações pedagógicas planejadas em nome do ensino de geografia. Os cegos veem o mundo através de percepções auditivas, táteis, olfativas, de tal modo que sua capacidade de apreensão do espaço toma como referência básica o seu próprio corpo. Para entendermos melhor essa questão, é necessário identificar os modos como os seres humanos, nas mais diversas situações, vivenciam espaços distintos, o que poderá nos possibilitar uma ampliação da nossa própria capacidade de analisar fenômenos espaciais que se manifestam em diferentes escalas. Nesta investigação partiremos de um levantamento bibliográfico, buscando suporte no método etnográfico, para realizar situações de observação e de caracterização de um grupo específico de cegos atendidos pelo Centro de Habilitação e Reabilitação de Cegos (CHARGE), em Teresina-PI. Os procedimentos de pesquisa que serão utilizados visam possibilitar a compreensão que um deficiente visual tem da cidade, por meio da percepção dos lugares que são vivenciados em seu cotidiano, ao tempo em que se considera a importância do ensino de geografia voltado para essa finalidade. Finalmente, é nossa pretensão contribuir para a aquisição de conhecimentos que possam nos ajudar a entender como se manifestam os comportamentos de percepção, não só da cidade, mas do mundo, naquilo que define a situação de vida de um deficiente visual.

Palavras-chave: Percepção. Cidade. Deficiente visual.

¹ Graduando (a) do 6º período do curso de Licenciatura Plena em Geografia da UESPI.

² Graduando (a) do 6º período do curso de Licenciatura Plena em Geografia da UESPI.

³ Docente, doutorando e mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rio Claro-SP. Lotado, em condições efetivas, na Universidade Estadual do Piauí - Campus Clóvis Moura.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre aspectos relativos à percepção da cidade por alunos cegos. Neste estudo, pretendemos identificar como os alunos cegos compreendem e interpretam a relação espacial em seu cotidiano, no que se refere à cidade, à medida que se servem do ensino de Geografia, atendidos pelo Centro de Habilitação e Reabilitação de Cegos (CHARGE), em Teresina – PI.

A motivação para a pesquisa surgiu a partir do contato rotineiro com pessoas portadoras de deficiência visual, onde foi possível observar relatos de algumas limitações no seu processo de formação educacional. Assim, por meio da análise e discussão acerca das práticas de ensino de Geografia, direcionadas aos alunos cegos, o estudo pretende apresentar uma contribuição, favorecendo uma abordagem mais acurada a respeito dos modos como os deficientes visuais percebem a cidade por meio dos lugares que são vivenciados em seu cotidiano.

É muito importante que o processo de ensino e aprendizagem de Geografia seja focado em objetivos que enfatizem a relação entre o conhecimento e a realidade do mundo em que vivemos, levando sempre em consideração a busca de uma aprendizagem significativa de conteúdos relevantes para o aluno.

Partindo do que foi dito acima, entendemos ser coerente realizar a pesquisa sobre a percepção da cidade manifestada por alunos cegos no ensino de Geografia, no sentido de que tenhamos uma educação que habilite o aluno a aumentar o seu grau de consciência e poder de interferência sobre a sua realidade. Segundo Lynch (1980, p. 2), “a cidade existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir”. Nesse sentido, a cidade é um objeto da percepção de seus habitantes.

Para Yi-fu Tuan (1980, p. 4), “[...] Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados [...]”. Por tudo isso, tratar da temática “cidade” em sala de aula, no que se refere à percepção, é abordar um tema que, além de acreditarmos ser relevante dentro de qualquer proposta pedagógica, em especial de ensino de Geografia, está profundamente associado à realidade cotidiana dos alunos, seja como espaço vivido, seja por abarcar um espaço de relações, fazendo com que, em qualquer caso, o espaço urbano venha a ser uma referência que sirva de fundamento para formar a opinião do aluno, bem como situá-lo no mundo.

Diante disso, pretende-se ir à busca de subsídios que demonstrem qual é o grau de percepção que os alunos e os professores têm da cidade, sob a mediação do ensino de Geografia, para que, se servindo dele (entre outras utilidades), o aluno seja capaz de aplicar o conhecimento adquirido na sala de aula em situações novas do seu cotidiano.

A intenção do presente trabalho é de contribuir a favor de um processo de aprendizagem que, rico de significações, possa dar clareza ao mundo do qual faz parte o aluno, possibilitando-lhe assim sentido de prazer e satisfação.

Nesta investigação partiremos de um levantamento bibliográfico, buscando suporte no método etnográfico, para realizar situações de observação e de caracterização de um grupo específico de cegos atendidos pelo Centro de Habilitação e Reabilitação de Cegos (CHARGE), em Teresina-PI. Dessa forma, temos como objetivo geral caracterizar os modos como alunos cegos percebem a cidade, à medida que se servem das abordagens realizadas no ensino de geografia.

Como objetivos específicos, buscamos identificar as contribuições específicas das referências espaciais fornecidas pela disciplina de Geografia, descrevendo o ambiente no qual é promovido o ensino em questão; procuramos ainda descrever como esses ensinamentos vão sendo convertidos em instrumentos favorecedores das leituras que os cegos fazem do espaço urbano, assim como das dificuldades que eles ainda não conseguem superar.

Com isso, a intenção do presente trabalho é de favorecer a compreensão que um deficiente visual tem da cidade, podendo desenvolver assim experiências educativas, capazes de ensinar a sentir a cidade, sobretudo percebendo-a como um processo em constituição, ou seja, em constante movimento.

Acreditamos ser coerente ressaltar que a pesquisa deve indubitavelmente se ater à análise fidedigna e coerente dos dados, indicando as reais potencialidades desse estudo, e elencando as principais vantagens, como também as suas limitações, a partir da abordagem realizada na disciplina de Geografia a respeito da temática "Percepção da Cidade" no ensino fundamental, voltada para os cegos.

2. PERCEPÇÃO DA CIDADE POR ALUNOS CEGOS

2.1 Geografia da percepção

Versar sobre essa temática, percepção da cidade como objeto de pesquisa, nos leva a uma reflexão acerca da importância desse elemento no processo de ensino e aprendizagem de uma instituição escolar, sobretudo porque esse tipo de abordagem vem se fazendo cada vez mais presente nas grandes discussões do campo científico, seja na área da Geografia, Educação, Psicologia, entre outras ciências relacionadas.

Logo depois da Segunda Guerra Mundial, o mundo modificou-se, e a Geografia também, procurando novos paradigmas. Vejamos como Andrade (1987, p.105) discorre sobre esse período:

O impacto do pós-guerra sobre a Geografia não se limitou a fazê-la sair das Universidades e tentar disputar espaço com outras disciplinas na área do planejamento e da crítica social. Ela provocou a reflexão dos geógrafos sobre a natureza da Geografia e os levou a atitudes de crítica, à reformulação dos seus princípios científicos e filosóficos, à negação do passado, [...], e à procura de novos caminhos.

Acreditamos que depois desse momento os geógrafos se puseram a adotar uma postura crítica a respeito dos mecanismos abordados na Geografia, a fim de sistematizar as ideias norteadoras e destinadas ao estudo do espaço como um todo. Na Geografia, esta concepção tem sido retomada com múltiplos enfoques, após um período de esquecimento.

A Geografia da Percepção e do Comportamento tem início no século XX, e cresce a partir do início da década de 1970, quando é instalada uma crise na Geografia Tradicional, e, com isso, a necessidade de buscar novos rumos, novas propostas e maior liberdade de reflexão e criação. Como resultado, houve o rompimento da Geografia Tradicional e o surgimento da Geografia Renovada.

Segundo Moraes (1990), entre as causas que introduziram o pensamento crítico à Geografia, houve a influência de fatores externos (econômicos e sociais) e internos à Geografia. Desse modo, surgem propostas antagônicas, que podem ser agrupadas em função dos seus propósitos e de seus posicionamentos políticos, como a Geografia Crítica e a Geografia Pragmática. Estas propostas desdobraram-se em tendências alternativas, como a Geografia Pragmática, que se desdobrou em Geografia Humanista, também conhecida como Geografia da Percepção ou Comportamental.

Essa tendência dá um sentido mais liberal para as ações humanas, procurando compreender a percepção que o indivíduo tem do meio em que vive. A Geografia da Percepção orienta-se por uma linha filosófica, conhecida como neopositivismo. A mesma segue três linhas de metodologia, que são a humanística, a estatística e a fenomenológica, dentro de um enfoque existencialista e psicológico. Nesse sentido, Moraes (1990, p.106) afirma: “Esta buscaria entender como homens percebem o espaço por eles vivenciado, como se dá sua consciência em relação ao meio e como percebem e reagem frente às condições e os elementos do meio ambiente e como esse processo se reflete na ação e sobre o espaço”.

Assim, a Geografia da Percepção procura compreender a organização do espaço, considerando-se a subjetividade humana, adquirindo a ideia de “espaço vivenciado”, em que o homem busca consciência em relação ao meio e a compreensão das reações humanas frente às condições da natureza, apresentando, ainda, a possibilidade de haver diferentes espaços, pessoais e grupais, vivenciados por meio de construções materiais simbólicas.

Já as contribuições dos estudos de percepção no Brasil, para o ensino da Geografia, foram influenciadas pelas ideias de Tuan (principalmente as referentes à percepção ambiental), tendo como disseminadora de suas ideias, no Brasil, a geógrafa Livia de Oliveira. Em um de seus estudos, tendo como base a obra de Jean Piaget, ela discute e enfatiza o mapa como instrumento de representação do espaço geográfico, e afirma que a construção do espaço é solidária com as outras construções cognitivas, portanto, dificuldades em representar refletem dificuldades de percepção. Parcialmente influenciada pelas traduções, mas dotada de forte criatividade, a produção brasileira em Geografia Cultural tem crescido muito a partir da década de 1990.

É óbvio que as diferentes interpretações de percepções estão relacionadas com a forma como cada indivíduo percebe o mundo. Nessa perspectiva, a análise da percepção de um determinado lugar pode contribuir para a compreensão de que os mesmos sejam carregados de significados e interesse. Del Rio (1996, p. 3-4), interpretou a percepção como:

Entendemos a percepção como um processo de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos [...] Embora essas percepções sejam subjetivas para cada indivíduo, admite-se que existam recorrências comuns,

seja em relação às percepções e imagens, seja em relação às condutas possíveis.

Acreditamos que cada pessoa percebe, reage e responde de maneira diferente em relação às suas ações sobre o meio. Nesta perspectiva, as respostas ou manifestações, são, resultado das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo. Embora nem todas as manifestações sejam evidentes, elas são constantes, e acabam afetando nossa conduta, na maioria das vezes, inconscientemente. O ponto de partida para ler o mundo pode ser a decodificação da paisagem que muitas vezes é vista, mas nem sempre percebida conscientemente. Por meio dos estímulos sensoriais que o homem experimenta durante sua vida, ele interpreta e apreende o seu meio físico e social.

A paisagem cotidiana do ser humano no mundo contemporâneo, predominantemente urbano, está envolta por sons, formas, movimentos, cheiros, gostos e sensações tácteis e afetivas que possibilitam o diálogo humano com o mundo.

A percepção tem a ver com a forma que a pessoa percebe o mundo através da sua relação com ele, desenvolvendo assim uma consciência para com o mesmo, seja na forma de sentir, ouvir ou ver. Muito do que percebemos tem valor para nós, para sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

Um outro aspecto importante dessa temática é discutir a aproximação do aluno com relação a sua própria realidade, fazendo relações. Para Machado (1996, p. 97), cada ideia sobre o espaço é uma experiência pessoal que envolve aprendizado, imaginação e memória. E o professor, a partir daí, deve ajudá-lo a interpretar diferentes realidades, respeitando os diferentes níveis cognitivos, buscando as escalas de análise mais adequadas e as interações possíveis. Pensando assim,

É fundamental ver o aluno como um ser social e político, sujeito do seu próprio desenvolvimento. O professor não precisa mudar suas técnicas, seus métodos de trabalho; precisa, isto sim, ver o aluno como alguém capaz de estabelecer uma relação cognitiva e afetiva com o meio circundante, mantendo uma ação interativa capaz de uma transformação libertadora, que propicie uma vivência com a realidade pessoal e social que o envolve. (SANTANNA, 1995, p. 26-27)

É interessante que um número maior de docentes (de maneira coletiva) possa construir um conjunto de iniciativas, de embasamento teórico e prático que lhes ofereça, especialmente aos de Geografia, ferramentas que possibilitem transformações sociais no ensino e na aprendizagem. A escola direciona os comportamentos dos alunos segundo determinadas finalidades sociais. O conteúdo pessoal será socialmente aceito. Os conteúdos programáticos serão estabelecidos e ordenados numa sequência lógica e psicológica. É matéria de ensino apenas o que é redutível ao conhecimento observável e mensurável. Pois sabemos que a educação é um elemento essencial na condição social do homem. Nesta linha de raciocínio,

Torna-se necessário entender a escola como compromissada com uma cultura viva, cuja dinâmica se constrói na ação concentrada de seus constituintes internos: os alunos, portadores da cultura do meio em que vivem e os professores que, além de sua própria cultura, assumem compromisso profissional com a proposta pedagógica da escola informada pelos valores consensualmente definidos e instrumentada pelos saberes e habilidades requeridas. (MARQUES, 1995, p. 98)

Além disso, essa idéia, para que tenha um melhor resultado, é necessário, que esteja relacionada com outros conteúdos da própria Geografia. Para Lefebvre (1969, p. 47.) “a cidade é uma mediação entre as mediações”. Precisam-se desconstruir alguns modelos tradicionais e propor uma nova configuração, que seja mais dinâmica, tanto no que se refere ao espaço como ao tempo.

É importante que os professores e alunos percebam a cidade estabelecendo relações e que os docentes desenvolvam estratégias e práticas que possam facilitar a apreensão dos conteúdos apresentados por seus alunos. A cidade sempre existiu, ela não é uma invenção moderna. A cidade se caracteriza por diversas funções, compreendê-las é entender as contradições existentes na sua organização espacial, bem como o seu dinamismo histórico, que envolve a própria sociedade.

Comungamos com as ideias de Bicudo (2000, p. 46) quando ela diz que “o espaço originário é o percebido e vivido pelo corpo encarnado ao estar junto ao mundo, com o outro”, estamos situados sempre no mundo, num contexto, só assim podemos perceber o mundo. Não há como fazer uma análise do sentido ou da essência sem que estejamos situados.

A escola, e em especial o ensino de Geografia, tem um papel imprescindível para aproximar os alunos da sua cidade, no sentido de melhor compreendê-la. O estudo da percepção da cidade na escola é um instrumento valioso para o professor diagnosticar como o aluno compreende o seu meio, e

a partir daí planejar e definir estratégias de ensino e aprendizagem sobre os principais conceitos do mundo vivido, suas paisagens, seu espaço e seu lugar. Assim, todas as novas propostas sobre o ensino de Geografia não devem ser desvinculadas do papel da escola, que é o de proporcionar uma leitura crítica de seu ambiente. O professor acaba por ser um elo entre a verdade científica e o aluno.

É necessário também que se estabeleça uma relação direta, íntima entre os processos espaciais e sociais, onde a questão cultural tem grande influência. De acordo com Tuan (1983, p. 163), “cada cultura possui seus próprios símbolos de intimidade, amplamente reconhecidos pelas pessoas. Modos de agir, costumes de um grupo social são variáveis que influem na percepção sobre determinado objeto ou acontecimento”. Entendemos que a cultura na atualidade pode ser compreendida como,

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos (CLAVAL, 1999a, p. 63).

As culturas não são realidades imutáveis. Elas são historicamente (re) construídas pelos seres humanos. Podemos dizer que se deve ter em mente que a Geografia Cultural Renovada desencadeia-se sob uma perspectiva bastante ampla.

Na prática escolar são inúmeras as realidades e experiências com as quais nos deparamos: são turmas bastante heterogêneas, com costumes, culturas e comportamentos diferentes, que, para Tuan,

A superfície da terra é extremamente variada [...] mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente [...] todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares. [...] A experiência é uma variável que influencia a percepção (1980, p. 6).

Percebemos, através das várias significações, advindas da própria produção teórica disponível, que os estudos no campo da Geografia da Percepção podem contribuir em muito para uma nova atitude científica, uma vez que eles podem nos favorecer uma visão interdisciplinar, rompendo assim com os limites da visão tradicional.

2.2 O estudo espacial da cidade por meio da percepção de alunos cegos

Desde os primeiros dias de vida o ser humano inicia suas percepções referentes ao espaço que o circunda. “Perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido” (SANTAELLA: 1983, p. 51). Essa camada interpretativa é importantíssima, para o estudo e a compreensão dos mais variados espaços geográficos. Em outras palavras, mantendo a mesma linha de raciocínio, pode-se dizer que percepção é a exteriorização de sentimentos, bem como perspectivas internas aos seres humanos (TUAN, 1980).

Nesse sentido, o presente trabalho enfoca questões relativas à percepção da cidade por alunos cegos, considerando-se as contribuições fornecidas pelo ensino de Geografia. Compreender as percepções acerca da cidade por parte de um deficiente visual é de suma importância, em especial nas abordagens da Geografia, posto que são poucos os estudos que tem se voltado para esse fim. Segundo Sá *et al.* (2007), a cegueira é uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções elementares da visão que afeta de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente.

Para uma melhor compreensão da cidade é importante não se fundamentar apenas em conceitos pré-estabelecidos, é necessário uma longa sucessão de experiências, isto é, de vivência. Principalmente no caso específico dos deficientes visuais. Para Lefebvre (1969, p. 47.) “a cidade é uma mediação entre as mediações”.

O trabalho está sistematizado em três etapas: na primeira, realizam-se reflexões sobre os procedimentos de pesquisa que serão utilizados, visando possibilitar a compreensão que um deficiente visual tem da cidade, por meio da percepção dos lugares que são vivenciados em seu cotidiano; na segunda, é colocado de maneira sucinta o conteúdo das respostas dos alunos dadas ao questionário e à entrevista oral, a fim de compreender a maneira pela qual eles percebem e descrevem a cidade (foi utilizado um gravador de voz); e na terceira etapa, são apresentadas as considerações finais do trabalho, destacando os seus aspectos relevantes.

No que se refere à discussão dos resultados (incluindo a reação do grupo entrevistado, bem como os problemas enfrentados), foi dada ênfase as palavras utilizadas pelos alunos (colocadas em itálico). Em uma das indagações, quando perguntados sobre como percebem a cidade servindo-se do ensino de Geografia, eles responderam:

- Por meio da aula de locomoção, que ensina os quatro cantos da cidade (lado sul, leste, oeste e norte), ensinam também que nem sempre a cidade é plana, têm buracos, morros, montanhas.

Mediante ao exposto, e conforme Castrogiovanni (2001 b, p. 82-83), “o ensino de geografia deve priorizar a análise do espaço vivido e as práticas do espaço percebido, transpondo-as para as representações do espaço concebido”. Vivemos em um mundo cada vez mais urbanizado, então, particularmente é muito importante estudarmos e percebermos como a cidade se organiza, mediante as transformações que tem ocorrido e que acabam refletindo no modo de vida das pessoas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização deste trabalho, é possível tecer algumas considerações a respeito da percepção e descrição da cidade por um grupo de alunos cegos, atendidos pelo (CHARGE), em Teresina – PI.

O estudo evidenciou a relação existente entre o modo de vida do deficiente visual e a percepção que o mesmo tem da cidade, tornando-se indispensável a sua vivência, pois ela proporciona ao aluno cego ampliar, de maneira crítica e consciente, a forma como interpreta a organização e o desenvolvimento do espaço no qual está inserido, utilizando-se dos seguintes sentidos: olfato, tato, paladar e principalmente da audição. Com isso, entende-se que a percepção do aluno deficiente visual, acerca da cidade, está intimamente ligada às suas diversas vivências, que os levam a compreender assim os diferentes espaços presentes em seus cotidianos.

Ainda são muitas as dificuldades enfrentadas pelos deficientes visuais, no que se refere a presente temática, que vão desde aqueles enfrentados no seu dia-a-dia, até mesmo aqueles referentes a sua própria forma de aprendizado. Ainda assim, trabalhos como estes, podem ser desenvolvidos em várias práticas pedagógicas. Por isso, justifica-se a necessidade de cada vez mais os geógrafos darem mais ênfase a essas compreensões espaciais.

Portanto, a forma de se trabalhar com cegos na construção das noções espaciais da cidade deve se converter em mais um objeto de preocupação, o que pode contribuir, em muito, para a evolução da própria ciência geográfica.

4. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987. p. 137

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia**: Confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.
CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: UFSC, 1999a.

CASTROGIOVANNI, A.C. E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização? In: CASTROGIOVANNI, A.C. et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS/AGB, 2001b. p. 81-83.

DEL RIO, Vicente. Cidade da mente, cidade real: percepção e revitalização da área portuária do RJ. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Ed. da UFSCar, 1996. p. 3-22.

MARQUES, Mario Osório. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí: UNIJUÍ, 1995.

MORAES, Antonio, C.R. **Geografia pequena história crítica**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

SÁ, E. D. de; CAMPOS, I. M. de C.; SILVA, M. B. C. **Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Visual**. São Paulo: SEESP/MEC, 2007.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 51.

SANTANNA, Ilza Martins. **Porque Avaliar? Como Avaliar?** : critérios e instrumentos. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 26-27.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969, p. 47.

_____. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo, Difusão Editorial, 1980, p. 4-6.